



Gicele Faissal de Carvalho
Nathalia Quintella Suarez Mouteira

A pedagogia da Arte no processo de ensino e aprendizagem

Copyright© 2020

Direitos adquiridos para esta edição pela Editora UNIFESO

Coordenação Editorial

João Cardoso de Castro

Assistente Editorial

Jessica Motta da Graça

Formatação

Anderson Marques Duarte

Revisão

Anderson Marques Duarte

R321 A Pedagogia da arte no processo de ensino e aprendizagem. / Gicele Faissal de Carvalho, Nathalia Quintella Suarez Mouteira. - Teresópolis: Editora Unifeso (Coleção FESO), 2020. 60p.

ISBN 978-65-87357-06-5

CDD 610.69

EDITORA UNIFESO

Avenida Alberto Torres, nº 111

Alto-Teresópolis-RJ-CEP:25.964-004

Telefone: (21)2641-7184

E-mail: editora@unifeso.edu.br

Endereço Eletrônico: <http://www.unifeso.edu.br/editora/index.php>

CONSELHO DIRETOR

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Presidente

Jorge Farah
Vice-Presidente

Luiz Fernando da Silva
Secretário

José Luiz da Rosa Ponte
Kival Simão Arbex
Paulo Cezar Wiertz Cordeiro
Wilson José Fernando Vianna Pedrosa
Vogais

Luis Eduardo Possidente Tostes
Diretor Geral

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – Unifeso

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Chanceler

Verônica Santos Albuquerque
Reitora

Verônica Santos Albuquerque
Pró-Reitoria Acadêmica Interina

José Feres Abido de Miranda
Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional

Elaine Maria de Andrade Senra
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Edenise da Silva Antas
Diretora de Educação a Distância

Ana Maria Gomes de Almeida
Diretora do Centro de Ciências Humanas e Sociais

Mariana Beatriz Arcuri
Diretora do Centro de Ciências da Saúde

Vivian Telles Paim
Diretora do Centro de Ciências e Tecnologia

Michele Mendes Hiath Silva
Diretoria de Planejamento

Solange Soares Diaz Horta
Diretoria Administrativa

Rosane Rodrigues Costa
**Diretoria Geral do Hospital das Clínicas de Teresópolis Costantino
Ottaviano**

Roberta Franco de Moura Monteiro
Diretoria do Centro Educacional Serra dos Órgãos

Coleção FESO

A **Coleção FESO**, desde 2004, tem sido o principal meio de difusão da produção acadêmica do Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO, realizada a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos seus cursos de graduação e pós-graduação, assim como das suas unidades assistenciais e administrativas.

Primando pela qualidade dos produtos editorados e publicados, a Editora UNIFESO publica conteúdos relevantes nas mais diversas áreas do conhecimento através de um cuidadoso processo de revisão e diagramação.

É uma das mais importantes contribuições da Instituição para a sociedade, uma vez que a sua divulgação influencia na recondução de políticas e programas na esfera pública e privada, de forma a fomentar o desenvolvimento social da cidade e região. Todo esse processo fortalece o projeto de excelência do UNIFESO como Centro Universitário. Nossas publicações encontram-se subdivididas entre as seguintes categorias:

Série Teses: Contempla as pesquisas defendidas para obtenção do grau de “Doutor” em programas devidamente autorizados ou credenciados pela CAPES, publicadas em formato de livro.

Série Dissertações: Abarca as pesquisas defendidas para obtenção do grau de Mestre.

Série Pesquisas: Contempla artigos científicos, resenhas e resumos expandidos/textos completos. Estas produções são divulgadas em formato de livros (coletâneas), periódicos ou anais.

Série Especiais: Esta publicação contempla textos acadêmicos oriundos de processo de certificação de docentes como pós-doutores.

Série Produções Técnicas: Abrange produções técnicas advindas de trabalhos de docentes, discentes e funcionários técnico-administrativos sobre uma área específica do conhecimento que contemplem produtos ou serviços tecnológicos (com ou sem registro de proteção intelectual); processos ou técnicas aplicados; cartas e mapas geográficos. As formas de divulgação destas produções podem ser em meios impressos ou digitais, no formato de cartilhas, POPs (Procedimento Operacional Padrão), relatórios técnicos ou científicos e catálogos.

Série Materiais Didáticos: Reúne os trabalhos produzidos pelos docentes e discentes com vinculação aos componentes curriculares previstos nos projetos pedagógicos dos cursos ofertados no UNIFESO.

Série Arte e Cultura: Abarca as produções artístico-culturais realizadas por docentes, técnicos-administrativos, estudantes, instrutores de cursos livres e artistas locais, assim como as produções desenvolvidas junto aos eventos do Centro Cultural FESO Pró-Arte (CCFP), podendo ser constituída por livros, partituras, roteiros de peças teatrais e filmes, catálogos etc.

Série Documentos: Engloba toda a produção de documentos institucionais da FESO e do UNIFESO.

A abrangência de uma iniciativa desta natureza é difícil de ser mensurada, mas é certo que fortalece ainda mais a relação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Trata-se, portanto, de um passo decisivo da Instituição no que diz respeito a compreensão sobre a importância da difusão de conhecimentos para a formação da sociedade que queremos: mais crítica, solidária e capaz de enfrentar as dificuldades que se apresentam.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Elaine Maria de Andrade Senra

Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão – UNIFESO

Sumário

Prefácio _____	p. 8
Introdução: A pedagogia da arte no processo de ensino e aprendizagem _____	p. 14
Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) Imagem da capa	
1. Jean-Honoré Fragonard (1732-1806) _____	p. 18
2. Frans Krajcberg (1921-2017) _____	p. 24
3. Tarsila do Amaral (1886- 1973) _____	p. 28
4. Ivan Cruz (1947) _____	p. 33
5. Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo (1897-1976) _____	p. 36
6. Manuel Bandeira (1886-1968) _____	p. 41
7. Pablo Picasso (1881-1973) _____	p. 44
8. Romero Britto (1963) _____	p. 47
9. Eduardo Lima (1977) _____	p. 49
10. Jean Louiss (1973) _____	p. 53
11. Ricardo Ferrari (1951) _____	p. 57

Prefácio



Professores são, em geral, pessoas muito ocupadas que não têm tempo de registrar suas experiências de sala de aula. Com isso, muita atividade de sucesso, que poderia não somente enriquecer a aula e outros docentes, mas também ser utilizada pelos próprios em uma versão mais elaborada, acaba sendo esquecida. Essa a primeira qualidade deste livro: trazer e oferecer memórias passíveis de ressignificação e de troca.

Ruth Rocha, em *Nicolau Tinha uma Ideia*, mostra que uma ideia compartilhada se junta a outras, e todo aquele – que só tinha uma – fica com dez, cem mil... além de perceber que a ideia inicial já não é mais a mesma, ganhou outras formas e nuances.

Marina Colassanti também aborda esse tema por outra perspectiva. Em *Uma Ideia Toda Azul*, um jovem rei concebe uma ideia linda, jovem, maravilhosa. Encantado, brinca com ela e, depois, tranca-a em um quarto, para que ninguém a roube. Anos se passam e ele se esquece da ideia, que permanece adormecida. Muitos anos depois, já bem idoso, o monarca volta a esse cômodo e percebe que não tem mais a agilidade nem o desejo de brincar com ela. Entristecido pela consciência do tempo que perdera, fecha então a porta e deixa a jovem ideia adormecida para sempre.

Gicele e Nathalia, autoras deste livro, optaram por compartilhar suas ideias que ganharam vida em diferentes salas de aula. Experiências que agora estão prontas para adquirir novas formas

enunces em diversas salas, no contato com outras e variadas ideias. Essa já seria uma excelente razão para a existência deste livro. No entanto há outra, aquela que se denomina dádiva.

Para entendê-la, imagine a vez em que você olhou uma tela e percebeu uma cor - no mínimo, incomum - escolhida pelo artista para representar um entardecer. O primeiro contato com ela foi uma experiência estranha, e você pensou que tal nuance era artificial, esquisita até, pois seria impossível encontrá-la na natureza. Só que, para seu espanto, começou a descobri-la ao olhar para o céu da sua cidade, para uma foto esquecida em um álbum ou até mesmo através da câmera do seu celular!

O que ocorreu? Você aprendeu a ver aquela cor, depois que recebeu um presente, uma dádiva que o artista lhe ofereceu.

Entrar no mundo da arte é compreender que, quando um artista cria, uma parte de sua obra lhe é concedida por meio da intuição, da ideia que lhe vem à mente, da estranheza que o envolve. Essa parte não tem preço, jamais será vendida, pois é gratuidade, dom, presente, dádiva.

E é justamente essa parte que ensina a ver, a ouvir, a sentir algo que antes se conhecia, mas não se percebia, algo que estava encantado, adormecido. Tal parte eterniza a obra e desafia a lógica do mercado, pois não pode ser comprada, nem vendida, já que é emanção de dons que chegaram ao criador da obra e que, por meio do trabalho dele, fluiu até cada um de nós.

Eva Furnari criou uma bruxinha muito atrapalhada, a Bruxa Onilda. Cada um dos seus feitiços surpreende não somente os leitores da história, mas também a própria bruxinha! Essa pequena obra de arte ajuda a entender que em toda arte (até naquela mais arteira construída por uma bruxinha atrapalhada) há uma gratuidade que não se pode dominar.

Por isso se diz que o espírito de um artista tem o dom de despertar o nosso. Por isso se diz também que um dom que não pode ser doado deixa de ser um dom. Eis o porquê de muitas obras virarem *commodities*, ou até mesmo mercadorias de luxo, mas não conseguirem se transformar em arte; não alcançarem a eternidade.

A questão da dádiva é tão instigante que já se tornou objeto de estudo da antropologia, da sociologia e, mais recentemente, da medicina, com a problemática do comércio das “propriedades sagradas”, ou seja, das doações de partes do corpo humano, pois qualquer doação tende a estabelecer um relacionamento entre as partes envolvidas.

O Rouxinol e a Rosa, conto de Oscar Wilde, aborda essa questão. Na obra, um rouxinol vive à procura de um coração amante que sofra tudo o que ele canta. Um dia o encontra em um estudante que lamenta não ter uma rosa vermelha para ofertar à amada com quem pretende dançar no baile que se avizinha. O problema é que, sem rosa vermelha para ofertar, a jovem não o conhecerá e a história de amor não ocorrerá.

Como veio por descobrir um verdadeiro amante, o rouxinol procura uma rosa vermelha. Ao encontrar a roseira, ouve-a dizer que o inverno congelara suas veias, a geada cortara seus botões, a tempestade quebrara seus galhos, e ela não teria como produzir uma só rosa naquele ano.

Triste com a situação, o rouxinol pergunta à roseira se há uma forma de fazer brotar uma única rosa vermelha, na próxima manhã. A roseira lhe diz que só há um meio, o da doação, ou seja “construí-la de música ao luar, tingindo-a com o sangue do seu próprio coração”. Para tal o pássaro deverá cantar apertando o peito de encontro a um espinho, até que todo o seu sangue se transfira para a roseira.

A doação se faz. Há, na rosa que o estudante entrega à moça, muito mais que uma rosa; no entanto ela não é capaz de receber a doação e a história de amor não se realiza.

Por que ela rejeita a doação? Wilde nos diz que ela aprendeu que joias valem mais que o amor de um estudante pobre. O que ela não sabe é que a joia que aceitou de outro admirador é um bem com preço determinado, que se vende e compra a partir de um valor estabelecido pelo mercado. Já a rosa é única, é dom, sendo impossível atribuir-lhe um preço justo. Fica, para os leitores de Wilde, uma pergunta: E se ela soubesse, como olharia a rosa e como passaria a olhar todas as outras rosas vermelhas?

Pablo Neruda, no ensaio *Infância e Poesia*, traz a resposta ao relatar o impacto que uma dádiva recebida (e reconhecida como tal) propicia ao ganhador desse presente.

Quando criança, Neruda descobriu um buraco na cerca do seu quintal. E, como todo menino curioso, olhou para o outro lado: um quintal tão desarrumado e pobre quanto o seu. Ao afastar o rosto, percebeu que uma pequena mão de um menino se estendia do outro lado, em sua direção, e lhe ofertava um pequeno carneiro de lã branca já amarelada pelo uso.

Surpreso com o presente inesperado, entra em casa e de lá sai com seu brinquedo favorito, que deposita no buraco do muro para que a pequena mão o recolha.

Anos depois, já poeta, Neruda relata “Nunca mais vi a mão ou o menino. [...] Mas sentir o afeto que vem daqueles que nem conhecemos amplia as fronteiras do nosso ser e une todos os seres”. E acrescenta “Aquela troca de presentes, pequena e misteriosa, ficou para sempre dentro de mim, dando luz à minha poesia”.

Assim como o carneirinho de lã ou a nova tonalidade de um crepúsculo, este livro é um presente construído pelas lembranças de momentos em que dons foram ofertados, e dádivas foram recebidas.

Dessa forma a doação se faz, ficando a certeza de que, em cada relato desta obra, novas dádivas serão recebidas.

Na apresentação deste livro, Gicele e Nathalia chamam a atenção para o poder transformador da arte ao dizerem “Levemos então as Artes como proposta de conhecimento e cultura àqueles que não têm acesso ou não encontraram ainda os valores das cores, movimentos e sons nos espaços da aprendizagem”.

Cumprindo tal promessa, brindam seus leitores com descrições de processos de ensino e aprendizagem, que não somente constituíram os estágios das estudantes do curso de Pedagogia do UNIFESO, mas também fizeram parte da formação pessoal e profissional de cada graduanda.

Tais processos constroem oficinas que se inserem no contexto da Arte. A primeira baseia-se no livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox, obra escolhida com o propósito de trabalhar a memória afetiva das estudantes.

A segunda oficina parte da apresentação de telas de Frans Krajcberg, e de Felix Emile Taunay, para construir leituras reflexivas em uma turma do 1º. ano de alfabetização.

Já a terceira articula duas telas de Tarsila do Amaral com duas outras obras: um documentário e um livro infantil. A relação estabelecida entre o quadro *O Pescador* e o curta *Ardentia* propicia ampla reflexão sobre a poluição das águas no litoral da Região dos Lagos. Já a relação entre *O Abapuru* e *O Grúfalo* ajuda a refletir sobre a diversidade tipos humanos na sociedade.

A quarta oficina traz telas de Ivan Cruz no contexto *Brincadeiras de criança*; enquanto a quinta apresenta uma tela de Di Cavalcanti para construir atividades sobre a água.

Brincando com a Literatura é a sétima oficina que traz o poema *O Pardalzinho*, de Manuel Bandeira, que propicia a construção de uma atividade com o Taumatrópio.

A oitava oficina *A cultura da Paz na escola* utiliza a obra *A Pomba da Paz*, de Pablo Picasso, para a elaboração de atividade pedagógica que estimula a criação de um ambiente de amizade e paz como promotor de saúde na escola.

Coral de LIBRAS é a nona oficina. A partir de uma tela de Romero Britto, em estreita relação com o estudo dos diferentes alfabetos e da música *Trevo*, de Tiago Iorc, foi elaborado um coral com estudantes do segundo ano do ensino Fundamental.

História – Brinquedos e Brincadeiras é a décima oficina. Partindo de uma tela de Eduardo Lima, estimulam-se a pesquisa e a realização de antigas brincadeiras. Próximas a essa oficina estão a décima primeira que se volta para releitura da obra de Jean Louiss e criatividade, baseada em uma tela de Jean Louiss. E, finalizando a coletânea, a décima segunda parte traz o tema Pular corda – corpo em movimento com a tela de Ricardo Ferrari,

Sejam, pois, bem-vindos a cada oficina apresentada por este livro! Aproveitem as lembranças oferecidas e recebam as dádivas que essas atividades construíram por onde passaram; mas não se esqueçam de continuar a espalhá-las por novos locais, para novas pessoas. Afinal, como pode ser lido no *Taittiriya Upanishad*:

Quem me doa a outrem é quem mais me possui!

Eu, que sou alimento, alimento-me de quem de mim se alimenta!

O mundo a mim pertence!

Aquele que sabe disso brilha como o sol.

Assim é o mistério!

Carmem Quintana

Introdução



“[...] a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”

Esta publicação tem como finalidade, apresentar as possibilidades de um fazer pedagógico articulado à cultura, neste caso, às artes plásticas, uma prática ainda pouco valorizada e estimulada no processo de ensino e aprendizagem.

Ao longo da nossa trajetória docente, fomos desenvolvendo o gosto pelas Artes em geral nos alunos e percebemos que o estímulo à cultura, proporciona uma nova forma de olhar o mundo, com mais sensibilidade, apurando o valor estético.

As imagens encantam e tornam as atividades propostas mais bonitas, coloridas e, por meio da Arte, podemos criar uma nova realidade, pois o conhecimento artístico é fruto do fazer e do refletir sobre a mesma. Pela criação artística, a realidade humana é ampliada e enriquecida.

As experiências aqui apresentadas baseiam-se na legislação e leituras que fortalecem o trabalho pedagógico, promovendo a cultura visual na formação dos estudantes do curso de Pedagogia do UNIFESO. Por falar em legislação, o nosso pequeno livro não pode usar as imagens originais das obras mencionadas por respeito aos

direitos de imagem. As mesmas foram desenhadas pela aluna do curso de Pedagogia, Jeneffer Cristina Vieira, que gentilmente, nos cedeu os direitos de imagem ilustrando os textos com primor.

De acordo com o artigo 29 da LDB (BRASIL, 2008), entende-se que a Educação Infantil tem como finalidade, “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Já no Ensino Fundamental, o artigo 32 da mesma Lei (BRASIL, 2008), objetiva a formação básica do cidadão, garantindo “o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”; “[...] a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”.

Para o Ensino Médio, a LDB (BRASIL, 2008), em seu artigo 35, prevê como finalidades a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; a preparação para o trabalho e para a cidadania. O artigo 40, por sua vez, estabelece que a educação profissional deva ser desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada.

A arte é facilitadora no ensino aprendizagem e ao fazer e conhecer Arte como instrumento da prática pedagógica, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo e para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo.

Segundo Ana Mae Barbosa (2010, p. 2) “A arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador”.

Com as mudanças que têm ocorrido no contexto social e escolar, o perfil das escolas e do alunado tem sofrido mudanças significativas e se a escola não acompanhar essas mudanças não será capaz de oferecer um ensino de qualidade aos seus alunos.

Levemos então as Artes como proposta de conhecimento e cultura àqueles que não têm acesso ou não encontraram ainda os valores das cores, movimentos e sons nos espaços da aprendizagem.

Gicele e Nathalia

Sobre os cenários



As atividades descritas neste livro foram realizadas no Centro Educacional Serra dos Órgãos (CESO) e no curso de Pedagogia do Unifeso, Teresópolis-RJ.

1. A leitura e as experiências vividas



Jean-Honoré Fragonard - A Leitora 1770

Jean Honoré Fragonard (1732-1806) foi um pintor francês, cujo estilo Rococó foi distinguido por sua notável facilidade, exuberância e hedonismo. Um dos artistas mais ativos nas últimas décadas do Antigo Regime, Fragonard produziu mais de 10.000 pinturas.

*Atividade realizada no Curso de Pedagogia do Unifeso no 3º período,
em 2018.*

Atividade com o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*

Escrito por Mem Fox

Ilustrado por Julien Vivas

Resenha: Em uma história comovente, Mem escreve poeticamente a relação de amizade entre um menino e uma jovem senhora, Antônia, moradora de um asilo, que estava perdendo a memória. Um assunto tão delicado para a fase da velhice é visto e encarado de maneira simples por uma criança que consegue fazer com que Antônia recorde muitas lembranças boas de sua vida. Guilherme conseguiu essa proeza perguntando aos outros moradores o que era memória. As respostas surpreendentes e a maneira como o menino as interpretou dão um toque especial à narrativa.

Esta atividade foi realizada para trabalhar a memória com os estudantes do curso de Pedagogia. Após a leitura do livro, os estudantes apresentaram as suas memórias com base no que o personagem do livro teve durante a conversa com a senhora Antônia: algo quente, algo antigo, algo que faz chorar, algo que faz rir, algo que vale ouro.

Foram momentos de muita emoção e também de relembrar brincadeiras, lugares e pessoas que tiveram muita importância na vida deles. A proposta valorizou a família, a educação, os amigos e as experiências de cada um.



Algo que faz rir: diário da adolescência (arq. pessoal)



Algo que faz chorar: lembrança do bicho de estimação (arq. pessoal)



Algo que vale ouro: Minnie, presente da avó (arq.pessoal)



Algo quente: a 1ª Bíblia Infantil (arq. pessoal)



Algo que vale ouro: 1ª boneca (arq. pessoal)

*Algo que faz chorar-
álbum lembranças do
curso normal (arq.
pessoal)*



*Algo muito antigo: a
bolsa da minha avó
(arq. pessoal)*

*Algo que vale ouro:
minha bíblia infantil
(arq. pessoal)*





*Algo antigo: 1º
caderno de
alfabetização (arq.
pessoal)*

*Algo que faz rir:
foto do meu grupo
de trabalho (arq.
pessoal)*



*Algo que vale ouro: CD
de músicas da igreja
(arq. pessoal)*

*Algo que vale ouro:
lembrança do dia da
festa dos 15 anos da
irmã mais
nova (arquivo
pessoal)*





Algo que vale ouro: dia da formatura (arq. pessoal)

2. Os impactos do fogo no meio ambiente



Frans Krajcberg (1921-2017) foi um pintor, escultor, gravador, fotógrafo e artista plástico nascido na Polônia e naturalizado brasileiro. Chegou ao Brasil em 1948, vindo a participar da primeira Bienal de São Paulo, em 1951. Durante a década de 1940 o seu trabalho era abstrato. De 1948 a 1954 viveu entre as cidades de Paris, Ibiza e Rio de Janeiro, onde produziu os seus primeiros trabalhos fruto do contato direto com a natureza. Na década de 1950 morou em uma caverna no Pico da Cata Branca, região de Itabirito, no interior de Minas Gerais.

Em 1964, executou as suas primeiras esculturas com madeiras de cedros mortas. Realizou diversas viagens à Amazônia e ao Pantanal Matogrossense, fotografando e documentando os desmatamentos, além de recolher materiais para as suas obras, como raízes e troncos calcinados. A sua obra reflete a paisagem brasileira, em particular a Floresta Amazônica, e a sua constante preocupação com a preservação do meio ambiente.

Atividade realizada no Centro Educacional Serra dos Órgãos (CESO), Teresópolis-RJ.

Dia 17/05/2018

Turma 1º ano (alfabetização) Professora: Daniele T. Gava

Número de alunos: 16

Professora responsável: Gicele Faissal de Carvalho

Estudante do curso de Pedagogia: Lucas Mendes

Tema: O FOGO - Prejuízos Ambientais

Atividade 1: Apresentação de slides identificando as causas do fogo no ambiente (queimadas criminosas, balões, cigarro e depois dois artistas plásticos que transformam a destruição em obras de arte).
Conversa com as crianças.

Atividade 2: Oficina de criação

a. Franz Kracjberg (artista plásticos e ambientalista polonês)



Releitura da obra do artista plástico utilizando canudos feitos com folha de revista. Uma composição feita em colagem. Fotos das produções das crianças



b.Felix Emile Taunay (pintor francês)



Utilizando folhas de jornal com desenhos de árvores, as crianças fizeram colagens montando florestas como se estivessem em cinzas.



*Produção
das
crianças*

3. (A) A poluição das águas no litoral da Região dos Lagos



O pescador (1925)

Tarsila do Amaral (1886- 1973) foi uma pintora, desenhista e tradutora brasileira e uma das figuras centrais da pintura e da primeira fase do movimento modernista no Brasil, ao lado de Anita Malfatti.

Atividade do Grupo de Estudos Independentes (GEI) Educação Ambiental, sobre a água (com o filme *Ardentia*). Curso de Pedagogia do Unifeso - 3º período 2018.



A proposta do documentário é contribuir para a valorização da pesca em pequena escala, visando compartilhar conhecimento tradicional e científico com as comunidades pesqueiras. A partir de ações sociais, educativas e economia sustentável, os pesquisadores propõem aumentar a valorização econômica da comunidade pesqueira, melhorar a qualidade de vida dos pescadores e estimular a preservação dos ecossistemas.

Após a exibição do documentário, realizamos uma discussão com a pesquisadora e diretora do vídeo, Regina Carmela Emilia de Resende, sobre os problemas ambientais na Região dos Lagos, o que tem prejudicado bastante a pesca artesanal dos moradores locais.

Num segundo momento, os estudantes planejaram e executaram um mural com as informações relatadas no vídeo:



* Dificuldades para a realização da pesca artesanal devido à poluição das águas do mar e da lagoa de Araruama;

* Valas negras, por onde passam os esgotos domiciliares;

* Diminuição de oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, a perda de renda para o sustento familiar.

O terceiro momento foi a realização de uma atividade sobre os seres vivos do mar. Nesta oportunidade, o grupo fez a pesquisa sobre um dos seres vivos e o reproduziu em massinha.



3. (B) Tarsila do Amaral



Tarsila do Amaral (1886-1973) foi uma pintora e desenhista brasileira. O quadro *Abaporu* pintado em 1928 é sua obra mais conhecida. Junto com os escritores Oswald de Andrade e Raul Bopp, lançou o movimento "Antropofágico", que foi o mais radical de todos os movimentos do período Modernista.

Atividade do componente curricular Literatura Infantil, curso de Pedagogia do Unifeso, 2º período, 2017, refletindo sobre a inclusão a partir da apresentação da coleção *Meu amigo Down*, da autora Claudia Werneck, e da exibição do vídeo *Traçando Arte, Tarsila do Amaral*. Fazer a releitura do quadro apresentados da fase Antropofágica.

Após a atividade de apreciação das obras da autora e realizada a releitura do quadro *Abaporu*, escolhemos o conto *Grúfalo*.

Em seguida, os alunos desenharam o *Grúfalo*, de acordo com as características apresentadas na história e depois tiveram que separar o tronco do abdome e trocar com os colegas, surgindo então outros *Grúfalos*.

Foi um momento muito interessante em ver a variedade de imagens apresentadas, cada uma com suas características próprias. Desta forma, refletimos sobre a diversidade que há na sociedade e que todos merecem o nosso respeito.



4. Brincadeiras de criança – Corpo em movimento



Ivan Cruz nasceu em 1947 nos subúrbios do Rio de Janeiro, e brincava pelas ruas de seu bairro como toda criança... Em 1978 troca o sucesso financeiro do Rio pela beleza natural de Cabo Frio: o sol, o mar e seus frutos contagiam seu espírito. Formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele organizou, em 1990, a mostra com a temática que se tornou sua assinatura: as brincadeiras de infância. Ivan Cruz já reproduziu em seus quadros em acrílico e cores vivas mais de cem jogos infantis, como crianças jogando bolinha de gude e pião, soltando pipa, pulando corda, amarelinha e carniça (o jogo que, em fila, salta-se por sobre o corpo de quem está à sua frente).

Atividade no componente curricular Corpo e Movimento, curso Pedagogia do Unifeso, 3º período, 2018. As obras do artista foram impressas e colocadas em uma caixa. Cada estudante retirava uma imagem, identificava a brincadeira e reproduzia utilizando massinha.



A atividade proporcionou o desenvolvimento motor fino, criatividade e muita interação no grupo. Terminada a atividade, a turma se organizou em grupos e sorteou uma imagem. Os grupos planejaram e executaram a brincadeira sorteada na imagem com os colegas.



Jogo com bastões (arquivo pessoal)

5. O Dia da Água



Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo (1897-1976), mais conhecido como **Di Cavalcanti**, foi um pintor modernista, desenhista, ilustrador, muralista e caricaturista brasileiro.

Suas obras de cores vibrantes, formas sinuosas e temas brasileiros, representam o movimento modernista no país.

Atividade sobre o Dia da água na comunidade coordenada pelos estudantes do curso de Pedagogia do UNIFESO.

Foi organizada uma feira em praça pública com exposição de frutas para que as crianças e adultos observassem os cartazes com as informações sobre a grande quantidade de água existente em cada uma. Depois de informados, todos degustaram deliciosas frutas como morango, melão, abacaxi, laranja.



Uma estudante do curso, contou a história Água Viva, de Ana Maria de Andrade.



Em seguida, foram apresentadas imagens da água na natureza em seus estados físicos: sólido, líquido e gasoso, em forma de quebra-cabeça. As crianças se divertiram montando as imagens.



Para finalizar a participação do público, todos deveriam deixar uma mensagem sobre os cuidados com a água.



Outra atividade sobre o Dia da Água planejada, elaborada e realizada no curso de Pedagogia, pelos estudantes:



Grupo de estudantes responsável pelo evento (arquivo pessoal).

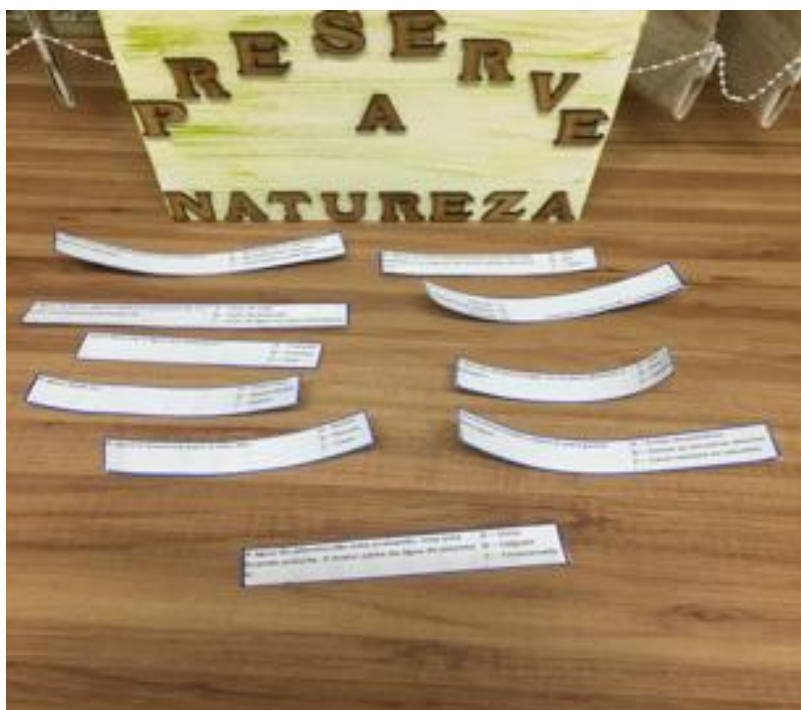
Após exibirem o vídeo Carta da Água escrita em 2070, disponível em "<https://www.youtube.com/watch?v=jUpVH-hjcd0>" para discutir sobre o uso irresponsável da água no planeta, as estudantes propiciaram aos visitantes, momentos ricos em informações e experiências.



A água no planeta Terra. A água nas frutas (arquivo pessoal)



Diferentes águas. Mensagens sobre o dia da água (arquivo pessoal).



Jogos e adivinhas sobre a água (arquivo pessoal).

6. Brincando com a Literatura



Fonte <http://claudiacantoeconto.blogspot.com/2010/04/o-pardalzinho.html>

Manuel Bandeira (1886-1968) foi um poeta brasileiro. " Vou- me Embora pra Pasárgada" é um dos seus mais famosos poemas. Foi também professor de literatura, crítico literário e crítico de arte. Os temas mais comuns de sua obra são: a paixão pela vida, a morte, o amor, o erotismo, a

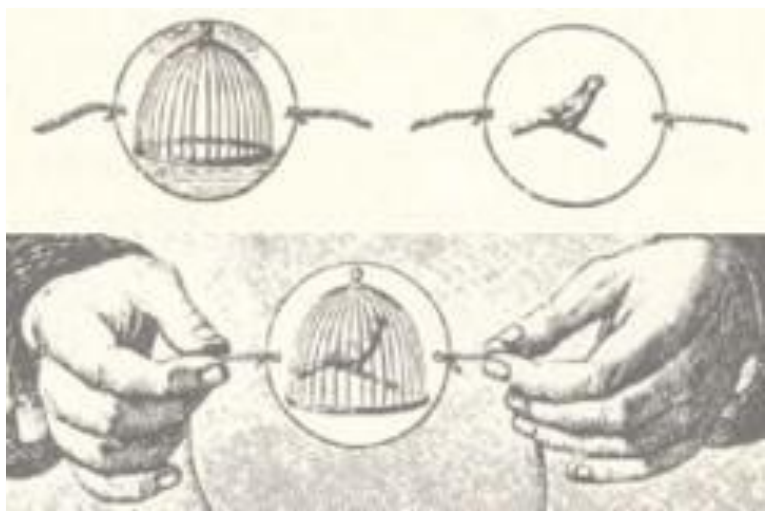
solidão, o cotidiano e a infância. Foi um dos maiores representantes da primeira fase do Modernismo.

Atividade da aula de Literatura Infantil com o Taumatrópio, no curso de Pedagogia do Unifeso, 4º ano, 2015.

Ensinar e trabalhar com poesia requer sensibilidade e criatividade, e no curso de formação de professores, essa proposta foi muito bem aceita e divertida. Após a apresentação do poema “O pardalzinho”, de Manuel Bandeira, foi proposta a confecção de um Taumatrópio, brincadeira de ilusão de ótica.

Taumatrópio é um objeto que foi criado em 1824 por Peter Mark Roget que consiste de um círculo com dois desenhos de cada lado e dois suportes (cordinhas ou varetas) que servem para provocar o giro do círculo de papel e criar uma composição entre as imagens, baseado na teoria da persistência das imagens no processo de percepção da retina. Segue um passo a passo para montar e testar um Taumatrópio.

- 1) Pegue um papel grosso branco (tipo cartolina), régua, caneta, furador, tesoura e um barbante ou elástico;*
- 2) Faça um círculo com uma tampa e uma caneta;*
- 3) Recorte o círculo com uma tesoura;*
- 4) Faça dois furos no círculo, opostos e alinhados com o centro do círculo;*
- 5) Desenhe de um lado do círculo um passarinho e de outro uma gaiola;*
- 6) Amarre de cada lado do círculo uma cordinha de uns 15 cm cada.*



Pronto! Agora é só segurar as cordinhas de cada lado com as mãos e fazer o círculo girar.

Uma outra forma de confeccionar o Taumatrópio, é utilizar palitos de pirulitos, fazendo os desenhos em círculos de cartolina e colando os círculos com o palito do pirulito.



1. A escola como espaço para construção social da saúde (participação da comunidade, afeto, solidariedade, diálogo, cultura);
2. A escola como espaço para consolidação de conhecimento para aquisição de habilidades e atitudes pessoais para a saúde;
3. A escola como espaço da afetividade e do cuidado com a saúde.

Para reforçar a importância das perguntas que estão no final do texto, como base para a reflexão e a busca de parceria na compreensão do contexto escolar, apresento algumas ideias, a fim de estimular um movimento de pesquisa e curiosidade em relação às questões de saúde e educação:

- Uma escola é saudável quando estimula as crianças a fazerem perguntas e buscarem respostas de modo coletivo e compartilhado;
- Uma escola é saudável quando seu ambiente é prazeroso, alegre, solidário e cooperativo;
- Uma escola é saudável quando nela há espaço para todos, sem limitações ao acesso físico ou cultural;
- Uma escola é saudável quando o conhecimento se constrói de modo compartilhado e solidário, sem incentivar a competição entre alunos e entre turmas;
- Uma escola é saudável quando o agente de ensino (o professor) é também agente da aprendizagem, do conhecimento, da pesquisa em vários momentos da prática escolar;
- Uma escola é saudável quando abre espaços de diálogos para seus diferentes atores e se relaciona com seus diferentes contextos;

•Uma escola é saudável quando abriga a diversidade e quando o centro da escola é a singularidade de cada um;

•Uma escola é saudável quando professores e diretores se compreendem como uma equipe de trabalho em parceria com alunos, familiares e comunidade, e supera normas e regras, reconstruindo-as na prática educativa promotora de saúde;

•Uma escola é saudável quando a comunidade escolar reconhece a importância da prevenção e da aquisição de hábitos de vida saudáveis que transformem as relações com o próprio corpo e com o ambiente;

•Uma escola é saudável quando promove o cuidado de modo solidário e atento;

•Uma escola é saudável quando a sua prática está baseada na promoção da saúde e na participação social;

•Uma escola é saudável quando estabelece relações a partir do afeto e da inclusão.

As perguntas que se seguem servem para nortear a reflexão sobre o que você pensa sobre a Educação e a Saúde na escola.

-O que é uma escola saudável?

-O que você já propôs para modificar o ambiente e o contexto gerador de conhecimento em sua escola?

-O que escola tem a ver com a saúde?

-O que a escola pode fazer para promover a saúde de crianças, adolescentes e jovens?

-Saúde é matéria de escola?

-O que a escola tem a ver com a saúde da comunidade.

8. Coral de LIBRAS



Romero Britto (1963) é um artista plástico brasileiro de grande renome internacional. Nascido no Brasil e radicado nos Estados Unidos, suas pinturas contam com cores vibrantes e traços bem demarcados, outra característica é que seus personagens, mesmo os animais, estão sempre sorrindo, trazendo alegria por meio de seus trabalhos.

Atividade realizada no Centro Educacional Serra dos Órgãos.

Data: 13 de julho de 2018

Turma: 2º ano

Número de alunos: 25

Professor responsável: Nathalia Quintella

Tema: LIBRAS na educação

Atividade I: Partindo do livro didático, um estudo dos diferentes alfabetos, a coordenação pedagógica convidou a professora de LIBRAS do Unifeso para elaborar um coral com as crianças do segundo ano. Escolheram a música “Trevo”, do Tiago Iorc em dupla com Anavitória. Realizamos os ensaios em sala de aula para uma apresentação final com os pais e professores de toda a escola. O retrato de Romero Britto vem complementar e reforçar o ensino de Língua de Sinais. A professora ganhou uma caneca com a imagem de Romero Britto com o sinal “Eu amo LIBRAS”.



Fonte: arquivo da autora

9. História- Brinquedos e Brincadeiras



Eduardo Lima é um artista plástico baiano, nascido em 1977 na cidade de Capim Grosso e radicado em Barreiras cidade do oeste baiano, lugar escolhido pelo artista por sua história e por suas belezas naturais. Autodidata desde os dez aos, Eduardo já participou de diversas exposições. Apaixonado pela arte e pela cultura nordestina retrata a simplicidade, o cotidiano e a ingenuidade, com pinceladas firmes e as cores fortes.

Atividade realizada no Centro Educacional Serra dos Órgãos

Data: 03 de abril de 2019

Turma: 3º ano

Número de alunos: 27

Professor responsável: Nathalia Quintella

Tema: Brinquedos e brincadeiras

Após a leitura da história Brinquedos e Brincadeiras, os alunos apresentaram as suas experiências com diversas brincadeiras. Foram selecionadas algumas, como Três Marias, Peteca, Amarelinha, Mestre mandou, Pula corda, Corrida de sopro com barquinhos, pula carniça.

A professora apresentou os quadros de Eduardo Lima (Pula carniça) e de Ivan Cruz (Barquinhos de papel).



As brincadeiras que mais chamaram atenção foram Pula carniça e Corrida de sopro com barquinhos, pois as crianças não conheciam.

O 3º ano foi para a biblioteca e realizou a brincadeira da Corrida de sopro com barquinhos e em seguida, as crianças montaram um mural com os barquinhos construídos.



O trabalho com o quadro de Eduardo Lima, “Pula carniça”, foi realizado com a turma do Pré II, 12 crianças com 5/6 anos de idade na sala de psicomotricidade.





10. Releitura da obra de Jean Louiss e criatividade



Jean Louiss, artista visual e designer, nasceu no Rio de Janeiro em 1973, mudou-se para a Bahia em 1988. Em contato com a arte desde criança através de sua família – o pai, que além de engenheiro é artista plástico amador, e tios maternos artesãos –, Jean Louiss pintou seu primeiro quadro aos oito anos de idade e o tem consigo até hoje como deflagrador de seu fio criativo de vida. A arte o acompanhou também mais tarde em sua formação universitária como designer gráfico, em uma pós-graduação na mesma área na Espanha e outra recente em Salvador em Ludicidade e Desenvolvimento Criativo de Pessoas. Trabalhou em várias agências de publicidade na Bahia e em Angola e também atuou em Londres e Barcelona, onde o uso das cores sempre mostrou uma identidade visual própria. Jean Louiss tem uma área de interesse que é a Ludicidade, um potencial humano que traz o sentido de plenitude e entrega no ser e no fazer, seja em uma brincadeira ou em um trabalho. Assim, o artista procura expressar contextos que tenham uma relação com a plenitude da vida e através da pintura vai se conhecendo e expressando cada vez mais o seu ser lúdico e, assim, criativo.

Atividade realizada no Centro Educacional Serra dos Órgãos

Data: 04 de junho de 2019

Turma: 5º ano

Número de alunos: 21

Professor responsável: Nathalia Quintella

Tema: Brincadeiras antigas e arte

Atividade I- Pedimos aos alunos que pesquisassem brincadeiras antigas, como, Pique pega, Brincadeira de roda, Passa anel, Jogar pião, Bola de gude, Pipa. Depois, selecionamos algumas e colocamos em prática. A partir da pesquisa sobre brincadeiras e arte, encontramos o quadro do Jean Louiss, fizemos a observação da obra, e a releitura foi a montagem de um painel com as pipas feitas pelos alunos.





11. Pular corda: corpo em movimento



Pintor autodidata, Ricardo Ferrari, nasceu em 1951, em Belo Horizonte. Pintou seu primeiro quadro aos nove anos de idade. Seus quadros relatam a infância simples, vivida pelos filhos, sobrinhos e amigos que se reuniam no quintal para brincadeiras sem fim, dando início à série de pinturas “Quintais”.

Atividade realizada no Centro Educacional Serra dos Órgãos

Data: 11 de junho de 2019

Turma: 4º ano

Número de alunos: 22

Professor responsável: Nathalia Quintella

Tema: Corpo e movimento

A partir da observação do quadro de Ricardo Ferrari, a proposta foi de fazer a releitura utilizando massinha de modelar. Em seguida, fomos ao pátio e realizamos várias brincadeiras, como pular corda, amarelinha, pique pega, bola ao túnel e batata quente. Foram momentos de muitos risos e trabalho corporal.





Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A Imagem no Ensino da Arte**. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

BRASIL. LDB. Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>.

PEREIRA, Vilma: **Arte e Educação**. Disponível em <<http://www.arteducacao.pro.br/downloads/arte-e-educacao.pdf>>.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Brinquedos e Brincadeiras**. Rio de Janeiro: Moderna, 2012